

“DAQUI PRA LÁ JÁ É INVASÃO”: IMPASSES E DISPUTAS DA LUTA PELA MORADIA NA MAIOR FAVELA DO BRASIL¹

Michely Alvarenga de Amorim - UnB/DF

RESUMO

Este artigo é resultado de uma etnografia realizada na região administrativa de Sol Nascente, localizada na periferia do Distrito Federal – considerada a maior favela do Brasil, segundo Censo do IBGE, divulgado em 2023 –, que tem como objetivo analisar algumas implicações que perpassam a luta – e conquista – da casa própria no referido contexto. Partindo da proposta de Michel Agier (2015:492) de pensar a cidade a partir de espaços precários à margem, tendo em vista que a “forma “ocupação” tornou-se mundialmente uma das maneiras para os mais pobres de fazerem reconhecer seu direito de estar ali”, neste artigo são exploradas questões que permeiam as dinâmicas de lutas pela moradia e analisados os efeitos da conquista sobre a vida das famílias beneficiadas em uma comunidade considerada “*periferia da periferia*”, num contexto em que a associação à “coletivos” se mostra fundamental para a garantia do direito básico. Conquistar o lote, montar o barraco e construir a casa são processos que se relacionam à noção de *pertencimento* à comunidade.

Palavras-chave: invasões; luta; moradia.

INTRODUÇÃO

A análise inicia revelando o contexto de formação do Distrito Federal que se deu a partir de *invasões* e da marginalização das classes populares em cidades dormitório popularmente denominadas *idades-satélites* e oficialmente designadas regiões administrativas. Em seguida trato sobre alguns modos pelos quais os interessados empenham-se na obtenção dos lotes e, como a conquista de um *pedaço de terra* repercute na vida dos membros da comunidade. Fato que nos possibilita refletir sobre como a “destinação de lotes” realizada pelo Estado não representa a garantia efetiva do direito à

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024)

moradia; e, na sequência, destaco o modo pelo qual a “obtenção/construção da casa própria” pode assumir outros valores.

Por fim, diante da primeira conquista, por si só, se mostrar insuficiente para a concretização do sonho da casa própria, abordo sobre a efetivação da luta de uma das minhas interlocutoras. Neste sentido, tratadas ao longo deste trabalho, as categorias “lote, barraco e casa” dizem respeito à processos de um mesmo elemento. Cabe destacar que, no decorrer do ensaio, a questão do parentesco transparece enquanto tópico sensível no que tange ao “morar junto”. Argumento que a obtenção da casa própria é aspecto central na vida das pessoas de baixa renda e que, para a realização desse projeto, ainda que por meio de política pública de habitação governamental, é imprescindível que uma série de redes sejam acionadas, dentre elas destaco a atuação de movimentos sociais de luta por moradia – regionais e nacional (Movimento dos Trabalhadores Sem Teto).

“DAQUI PRA LÁ JÁ É INVASÃO”

As denominadas “*invasões*”, fazem parte da consolidação de Brasília enquanto “uma cidade de muitas cidades” (MOURA, 2012:212). Para ilustrar a historicidade desse fenômeno temos como exemplo a “cidade” de Ceilândia, fruto de um projeto governamental, a Campanha de Erradicação de Invasões, que retirava *invasões* (feitas pela população pobre que não conseguir pagar um lugar para morar em Brasília e construía seus barracos em terras públicas) da região central do DF, e as alocava a quilômetros de distância do centro, formando a região administrativa de (Cei)lândia. Mais tarde, outras “cidades-satélites” como Riacho Fundo e Recanto das Emas foram surgindo a partir da mesma dinâmica; sendo, esta última, contexto de análise de Borges (2003), no qual a autora argumenta que a partir do “Tempo de Brasília” o morador do Distrito Federal passa a ser apto a receber *benefícios* proporcionados pelo governo distrital, conforme sua classificação numa espécie de *sistema de pontuações*, dentre os quais o lote se destaca.

De igual modo, a região administrativa de Sol Nascente surge às margens de Ceilândia, o que possibilita defini-la enquanto uma “periferia da periferia”. A “cidade” é dividida em 3 trechos, e a pesquisa se deu no trecho 2 – parte que recebe maior investimento estatal, é toda asfaltada e onde estão em curso obras de um terminal rodoviário e de um restaurante comunitário – mais especificamente na quadra 209 (do Setor Habitacional Sol Nascente). Isto demonstra que no Distrito Federal foram acionadas

ambas as propostas descritas por Valladares (1981) enquanto “alternativas de intervenção governamental em favelas”, ou seja, num primeiro momento houve o “desfavelamento ou a remoção, implicando na transferência de moradores para outras áreas e visando a extinção das favelas do espaço urbano” e, atualmente, “a urbanização das favelas, prevendo a permanência dos moradores na área e a introdução de melhorias substanciais na sua infraestrutura física; urbanização essa que também supõe a divisão da favela em lotes ou frações ideais de terreno.” (VALLADARES, 1981)

Na quadra encontram-se alocadas famílias que conquistaram seus lotes através do intermédio de duas organizações: o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) e a Associação de Moradores do Morro do Sabão² e, a partir de determinado limite existem “lotes vagos” que, no geral, já estão sendo *ocupados* por barracões montados por aqueles que ainda não ganharam o lote. No geral, os *invasores* são parentes e/ou amigos dos que já conseguiram seus lotes na quadra e, por meio da *invasão* tentam “*também se fazerem vistos pelo governo*”. Conforme argumenta Loera (2013) a partir do estudo de ocupações do Movimento Sem Terra, a presença dos parentes, conhecidos e amigos é importante porque reflete na manutenção das “relações de interdependência e reatualizam a lógica dos compromissos e obrigações, não só pela troca de favores e serviços e outros bens materiais e imateriais, como também informações, notícias e afetos”. Ademais, assim que corre a notícia de que uma pessoa próxima conquistou o lote, é constante que seus parentes e conhecidos intentem a ir atrás de também conseguir o seu. Dessa forma, a análise aqui apresentada demonstra que, ao passo que o Estado começa a destinar lotes em determinadas regiões, nos arredores, as *invasões* começam a se intensificar como uma forma de evidenciar que há mais interessados na destinação das então “*áreas sem dono*”.

Ambas as categorias – *invasão* e *ocupação* – são utilizadas pelos moradores da região. Quem está inserido no movimento social, e possui maior articulação política, ou seja, entende a luta enquanto processo para a garantia do direito à moradia, costuma utilizar o termo *ocupação*, carregado por um tom de militância, uma vez que essa discussão é pauta de movimentos sociais, que visam reverter a noção de que a atuação estaria ligado a uma atitude criminosa (invadir carrega a ideia de tomar aquilo que não te pertence, já ocupar indicaria estar reivindicando uma área “sem dono”). Os demais – a grande maioria – utiliza o termo *invasão*, para tratar da mesma ação: montar barracos e ocupar um terreno “irregularmente”. A variabilidade do uso destes termos expressa que,

²<https://www.politicadistrital.com.br/2022/04/27/moradores-do-morro-do-sabao-ganham-lotes-e-saem-da-irregularidade/>

embora tenham um objetivo em comum, a visão de mundo dos membros da comunidade não é unânime, e evidencia, por vezes, posições políticas dissidentes, além de denotar uma série de relações acionadas dentro da comunidade.

“SOZINHA EU NUNCA VOU CONSEGUIR”

O desejo e o projeto de “ter um lugar pra chamar de seu” levam os indivíduos a buscar formas de realiza-lo. Aqui verso sobre a associação ao movimento social enquanto um dos caminhos possíveis e enquanto uma implicação da luta por moradia.

Tônia entrou no MTST em 2015 quando viu um acampamento do movimento e, instigada pela curiosidade, foi até a ocupação e aprendeu que não precisava *morrer no aluguel todos os meses*, mas que pra conseguir a casa ela *tinha que tá na luta*³. Atualmente já possui sua casa própria e participa da coordenação do movimento como cozinheira da Cozinha Solidária⁴. Cida é amiga de Tônia, tem 4 filhos e 1 neto, cuida de todos sozinha e se associou ao movimento logo após a conquista de sua amiga.

“Eu entrei no movimento porque eu vi que assim, sozinha, eu nunca vou conseguir! Até mesmo pra marcar um 156, pra conseguir um bolsa família eu nunca consegui! Ah é fácil, só fazer isso e aquilo... fácil aonde? Mentira! Tudo que eles falam nas propagandas é tudo mentira! Dificilmente você consegue. Aí assim, não basta você dar a mão não... Você tem que ir lá e se humilhar, falar que tá na merda, e isso é uma coisa que eu não gosto de fazer! (...)

Eu já tive bem na vida, já tive pizzaria, sustentava meus filhos, pagava minhas contas e sobrava um troco... chegou um tempo que não dava mais, que eu não consegui mais. Aí eu pensava que se eu continuasse trabalhando assim eu ia poder comprar minha casinha, mas não deu certo... Juro pra você que eu não queria tá nessa situação, queria poder comprar, mas não deu. Aí eles querem que vc chegue lá chorando dizendo que tá na merda, e isso é algo que como te falei, por mais que eu esteja, eu detesto fazer... Mas é isso, você tem que chorar, se humilhar na frente da assistente

³ Estar na luta para o MTST significa ser atuante, estar presente nas manifestações, assembleias e sempre participando de tudo que o movimento organiza.

⁴ As Cozinhas Solidárias oferecem almoço grátis todos os dias e foram criadas em 2020 pelo Movimento dos Trabalhadores Sem Teto com o propósito de ajudar a combater a fome no período de crise sanitária, social, econômica e política.

social e eu não conseguia, chegava lá e falava que *tava* precisando, só.”
(Diário de Campo, 2022)

Ao contrário do exemplo de “Dona Maria” apresentado por Borges (2004), Cida embora seja mãe – e avó – solo, com todos os seus documentos transferidos para o DF e com meios de comprovar o seu “tempo de Brasília”, até hoje não conseguiu o lote. E é diante das inúmeras tentativas falhas de tratar diretamente com os órgãos do governo que ela decide fazer parte do MTST. O movimento social exerce o papel de intermediador entre quem deseja a moradia e os programas governamentais, sendo assim, quando o governo disponibiliza lotes, é o movimento que faz a distribuição das vagas. O critério fundamental para distribuição é a participação: participar de reuniões, assembleias, mutirões, atos, ocupações e atividades de formação (que acontecem na Cozinha). Critério este que é criticado por Tônia, coordenadora do movimento, que reconhece a dificuldade de muitas famílias estarem no “*corre*” e ainda conseguirem tempo para se dedicar ao movimento, mas que não vê uma alternativa viável e justa para realizar tal distribuição.

É importante destacar que a Cozinha Solidária exerce papel central na quadra. Não só porque grande parte dos moradores vão pegar suas marmitas na hora do almoço, exercendo papel de ponto de encontro da comunidade, mas porque é um centro de informações e atividades, no qual as pessoas podem tirar suas dúvidas, deixar as crianças durante a tarde, pegar roupas doadas etc. É lá que aqueles que conquistaram seus lotes pelo movimento pegam sua escritura e se informam sobre demais burocracias em torno da casa própria e, quando há alguma conquista do movimento (promessas feitas pelo governo de novas liberações) muitas pessoas de fora da comunidade aparecem para saber como entrar, e é lá que elas são “integradas ao movimento”. Paterniani (2013) demonstra que essa associação ao movimento também é tradicional em outras capitais brasileiras.

“MORAR JUNTO SIGNIFICA QUE NÃO TENHO NADA”

Pedro é um jovem de 23 anos que fazia parte da comunidade do Morro do Sabão e não conseguiu o lote. Vivia com a companheira – que tinha conquistado o lote – e a filha dela. Certo dia o encontrei montando um barraco, já na dita *área de invasão*, e ao perguntar sobre o motivo ele disse que precisava de um lugar pra ele, afinal, “*morar junto significa que eu não tenho nada*”. Em desabafo ele dizia estar inconformado com o fato

de que tantas pessoas tinham ganho o lote, inclusive Vinicius⁵, e ele, que já está há anos na fila, nada. Ao decidir que precisava do seu próprio canto, e montava seu barraco na “área irregular” Pedro assumia a responsabilidade de ser estigmatizado pelos moradores legais da quadra, pois a quadra é fortemente marcada pela configuração estabelecidos- outsiders (ELIAS, 1965) no qual todos que já “ganharam” o lote fazem uso da posse legal como diferenciador social, estabelecendo uma relação de poder na comunidade.

A fala de Pedro que intitula essa discussão evidencia algo que só se torna explícito na comunidade após a conquista do lote, que é o valor de troca do lote/da casa. *Não ter nada*, não se refere precisamente ao lugar para morar, mas sim à falta de uma *garantia de vida*. Deste modo, se a princípio a casa/o lote são ressaltados a partir de seu valor de uso traduzidos na “busca de um lugar para morar”, assim que “ganham” os lotes as discussões se viram para o que será feito com ele agora, evidenciando que há outras possibilidades para além de “fazer casa”. Assim, são feitos acordos a fim de que o lote/a casa conquistado seja apenas um investimento (alugado para outro, bar, igreja), ao passo que quem o conquistou continuará pagando aluguel em outro lugar, por vezes em outra região administrativa.

Para aqueles que ainda não conseguiram seu lote, aqui se desenrola um conflito. Pois quem ainda não conquistou o lote enxerga como injusta uma realidade na qual, quem “ganhou” não faça o uso esperado. Ganhar dinheiro em cima de um “benefício” do Governo é malvisto por aqueles que ainda não tem seus lotes. Já para os que já conquistaram seu lote, essa é apenas uma possibilidade, cabe ao dono a decisão.

As conversas sobre quem precisa e quem não precisa são recorrentes entre os próprios membros da comunidade. Os critérios – de determinação para quem são as pessoas que “precisariam” da casa própria – considerados válidos pela comunidade para assumir a “real necessidade” de ser atendido pela política habitacional se diferenciam daqueles do Estado apontados por Borges (2004).

“SE EU TIVESSE DESISTIDO, HOJE EU NÃO TINHA NADA”

As categorias “lote, barraco e casa” mencionadas ao longo do texto dizem respeito à processos de um mesmo elemento. No contexto apresentado as famílias “ganham”

⁵ Vinicius morava no Morro do Sabão e acabara de completar 18 anos quando ficou sabendo que tinha ganhado um lote em Sol Nascente. Para ele a obtenção do lote não era vista como uma conquista, mas algo que aconteceu por acaso. Ele não queria morar lá, disse que pretendia vender seu lote, porque “*nesse fim de mundo não tem nada*”.

lotes⁶; e acredita-se que nesses lotes algo será construído – usualmente casas. À medida que se consegue os materiais para dar início à obra da casa, os barracos feitos de paus, papelões e lonas representam que o lote pertence a alguém. Desta forma, somente a demarcação do lote não garante a posse⁷, mas erguer o barraco sim, esse representa uma casa. O caráter de liminaridade do barraco tem duração relativa, podendo durar mais ou menos tempo a depender de alguns fatores que possibilitarão o início – e a conclusão – da construção da casa. Destaco como um desses fatores a rede de contatos da família.

Tônia, que conseguiu o lote por meio do MTST, assume um ordenamento místico da realidade para explicar como se deu a construção da sua casa, já que, sem *grana* na época, após a conquista do lote em 2017, ela recorreu à igreja, onde o que ela chamou de “*pregador*” a aconselhou a anotar o nome de todos que já haviam a humilhado, afirmando que eles a ajudariam a construir sua moradia.

T: Fiquei meio assim, mas minha filha... Não deu outra! Anotei tudinho e aí... Meu patrão começou dando as telhas. O genro dele que também não dava nada e falava que a gente era um bando de vagabundo, me deu dois milheiros de tijolo e dez sacos de cimento. Aí o meu cunhado (irmão do pai dos meus filhos) me deu a cerâmica da casa e o poste de luz. A irmã da minha patroa deu a cerâmica da parede do banheiro todinha. Minha ex-patroa deu uma lata de tinta. O vizinho do lado me deu mais tinta e três sacos de argamassa. O pai dos meus filhos que construiu. Nem pedreiro eu tive que chamar!

É muito incrível o que aconteceu! Foi maravilhoso! E é só não desistir... Não desiste da luta... Porque a luta às vezes é tão grande, que as vezes você acaba desistindo. E se eu tivesse desistido, hoje eu não tinha nada! Então valeu muito a pena! (Diário de campo, 2022)

Mediante uma interpretação mística, para Tônia, teria sido o sofrimento dos dias acampada, bem como as humilhações que sofria, que lhe renderam a casa. O fato da casa ter sido erguida com o apoio de pessoas que um dia a fizeram mal (seus ex-patrões e as

⁶ A política habitacional distrital por vezes disponibiliza apartamentos populares, também presentes na região do SHSN, onde geralmente são alocadas, prioritariamente, pessoas idosas em situação de extrema vulnerabilidade social.

⁷ Aqui o termo posse refere a algo que é reconhecido socialmente e não legalmente.

famílias deles se destacam), pode ser percebido a partir da lógica da dádiva, na medida que Mauss (2003:202) atribui às coisas uma substância espiritual própria, uma alma que estaria ligada à matéria espiritual do doador e que, ao ser doada, tende a retornar ao seu antigo dono, que também se doa. Assim, os materiais para obra recebidos por Tônia seriam tanto uma forma de redimissão, como também contraprestações realizadas (pelo trabalho por ela feito) com o intuito de fortalecer alianças.

CONCLUSÃO

O contexto da quadra 209 do Setor Habitacional Sol Nascente aqui analisado é pensado enquanto “pedaço”, uma vez que o termo trata sobre um “espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade” (Magnani, 1984:138). Para além disso, no âmbito desta pesquisa também vale pensar no processo mútuo no qual as casas fazem as pessoas, já que as casas dão significado a vida delas, assim como as pessoas fazem casa.

As reflexões apresentadas evidenciam que a luta pela moradia no Distrito Federal possui diversas nuances que vão desde o local onde são disponibilizados lotes para famílias de baixa renda no DF, fator que inclusive abre espaço para a problematização do termo favela e seu uso na capital federal, chegando até questões mais íntimas que envolvem rede de apoio e parentesco.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGIER, Michel. **Do direito à cidade ao fazer-cidade**: o antropólogo, a margem e o centro. *Mana* v. 21, n.3, p. 483-498. 2015.

BORGES, Antonádia. **Tempo de Brasília**: etnografando lugares-eventos da política. Rio de Janeiro: Relume Dumará. 2004.

ELIAS, Norbert. e SCOTSON, John. L. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma comunidade. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000, 224

LOERA, NR. **Tempo de acampamento** [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2014, 231 p. ISBN 978-5-68334-35-5.

MAGNANI, J. G. C. **Da periferia ao centro: pedaços & trajetos**. Revista de Antropologia, [S. l.], v. 35, p. 191-203, 1992. DOI: 10.11606/2179-0892.ra.1992.111360. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/111360>.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

MOTTA, Eugênia. **Fazendo casas, pessoas e mundos** (no Recôncavo baiano e em uma favela carioca). Mana, 27(2).

MOURA, Cristina. **Condomínios no Brasil Central: expansão urbana e antropologia**. Brasília: Letras Livres: Editora Universidade de Brasília, 2012. 270p.

PATERNIANI, Stella Zagatto. **Política, fabulação e a ocupação Mauá: etnografia de uma experiência**. 2013. 230 p. Dissertação (mestrado) – Unicamp - IFCH, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1620440>.

VALLADARES, Lícia do P.; FIGUEIREDO, A. **Habitação no Brasil: uma introdução a literatura recente**. BIB - Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais, [S. l.], n. 11, p. 25-49, 1981. Disponível em: <https://bibanpocs.emnuvens.com.br/revista/article/view/27>.